

**VILA PEDREIRA: MEMÓRIA E HISTÓRIA NA BORDA DA  
CIDADE DE ESTEIO (RS)**  
**VILA PEDREIRA: MEMORY AND HISTORY ON THE EDGE OF THE CITY  
OF ESTEIO (RS)**

**Magna Lima Magalhães<sup>1</sup>**  
**Daniel Conte**  
**Cléa Coitinho Escosteguy**

**Resumo:** O artigo apresenta algumas reflexões acerca da formação e da constituição da Vila Pedreira, situada em Esteio, cidade da região metropolitana de Porto Alegre/RS. A Pedreira é um espaço periférico situada às margens da BR-116, bem próxima do parque de exposição de Esteio, onde ocorre a Expointer, encontro anual de agropecuaristas. Intenta-se refletir principalmente sobre a história e a formação de um espaço periférico a partir do histórico de alterações urbanas e do avanço da cidade de Esteio no início do século XX. Buscamos pensar a relação entre periferia e urbanização a partir da perspectiva da Nova História Urbana.

**Palavras-chave:** Vila Pedreira. Periferia. História. Cidade

**Abstract:** The article presents some reflections about the formation and the constitution of Vila Pedreira, located in Esteio, city of the metropolitan region of Porto Alegre / RS. The Pedreira is a peripheral space located on the banks of BR-116, very close to the exhibition park of Esteio, where Expointer, the annual meeting of agriculturalists. It is intended to reflect mainly on the history and the formation of a peripheral space from the history of urban changes and the advance of the city of Esteio in the early twentieth century. We seek to think about the relation between periphery and urbanization from the perspective of the New Urban History.

**Keywords:** Vila Pedreira. Periphery. Story. City

## **Introdução**

Neste trabalho, elegemos pensar acerca de Esteio, tendo como foco a cidade em si e a complexidade histórica que cerca o tema do urbano. A cidade de Esteio é um dos 497 municípios do Rio Grande do Sul e localiza-se próximo à capital, Porto Alegre. Desvelar a história perpassa por uma viagem no tempo e permite trazer à luz elementos históricos sobre uma dada realidade. De acordo com a perspectiva da “Nova História Urbana”, a cidade pode ser pensada por diferentes prismas como as mudanças espaciais e ecológicas, as relações dos indivíduos, como trabalho e família ou, ainda, a cidade e o processo de urbanização (RAMINELLI, 1997, p.189). Nessa ordem, a proposta de estudo entende que “a cidade é sobretudo, uma materialidade erigida pelo homem, é uma ação humana sobre a natureza” (PESAVENTO, 2007, p.13). Pesavento (2007), ao discutir o cotidiano na cidade de Porto Alegre, assevera que “a cidade é vida porque abriga uma população, que habita casas, que anima as ruas, que faz do urbano um

---

<sup>1</sup> **Magna Lima Magalhães:** Doutora em História. Docente do Curso de História e do PPG em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. **Cléa Coitinho Escosteguy:** Graduada em Letras pela ULBRA, Especialista em Literatura Brasileira, pela UNISINOS, Mestre em Processos e Manifestações Culturais e Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais. **Daniel Conte:** Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Professor e pesquisador da Universidade Feevale no PPG de Processos e Manifestações Culturais e no Mestrado Profissional em Indústria Criativa.

espaço de trabalho e lazer, de festa e de dor, de vida e de morte, de crime e de poesia” (PESAVENTO, 2007, p.164).

A multiplicidade de aspectos que cercam as cidades, para Barros (2012), instigam sociólogos e historiadores a discutir o fenômeno urbano desde diferentes e diversificados indícios. Pode-se, nesse sentido, perceber a cidade como um “grande texto que tece dentro de si uma miríade de outros textos, inclusive os das pequenas conversas produzidas nos encontros cotidianos” (BARROS, 2012, p.45). Propomos, aqui, discutir um espaço específico dentro da cidade de Esteio, a Vila Pedreira, área periférica que envolve tessitura de práticas que marcam o lugar (DE CERTEAU, 1994), bem como engendram relações e construções culturais. Neste sentido, abordamos a construção histórica da Vila Pedreira e sua relação com o processo de urbanização de Esteio a partir de um olhar interdisciplinar em que a cultura, a cidade e seus personagens, além do ambiente sejam pensados de forma conjunta.

Por esta perspectiva, Esteio na condição de cidade forjada na realidade plural e produtora de representações (ROLNIK, 1988) comporta redes sociais, políticas e econômicas, as quais estão permeadas por relações de poder com seus conflitos e negociações. O espaço periférico urbano está sendo pensado com suas carências e debilidades, mas também a partir de suas dinâmicas (LEITE, 2015). Antunes afirma que os “estudos sobre formação de periferias revelam a existência de uma multiplicidade de forças e de atores em disputa e em negociação para definir o que pertence a esses lugares” (2016, p.329). Consoante o autor, para compreender tais espacialidades (as periferias), “torna-se imprescindível a compreensão de suas apropriações, importando, nesse sentido, os sujeitos envolvidos diretamente neles, sob relações, condições e contextos diversos e através de práticas e experiências cotidianas permeadas por conflitos, negociações e invenções” (ANTUNES, 2016, p. 329).

A periferia significa, para Magnani (2006, p.39), participar de certo *ethos* que inclui tanto a capacidade de enfrentar as duras condições de vida, quanto pertencer a redes de sociabilidade, a compartilhar certos gostos e valores (MAGNANI, 2006, p. 39). Desse modo, lançamos mão da História Oral como possibilidade de refletir a respeito das percepções que os moradores da Vila Pedreira têm do seu espaço, bem como da constituição histórica local e da relação com a cidade de Esteio.

A partir da narrativa oral, e entendendo-as como fontes orais permeadas por diferenças individuais, trabalhamos com a perspectiva de que “a história oral e as

memórias, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias”<sup>2</sup>.

O significado da experiência, dessa forma, está associado ao ato de recordar, contar e interpretar. Acionamos, assim, atores sociais, os quais vivenciaram experiências que estão carregadas de significados. Entendemos que história e memória se constituem em cenários culturais privilegiados, pois são distintas e radicalmente imbricadas<sup>3</sup>. Neste estudo, contamos com as vivências e experiências de seis entrevistados<sup>4</sup> que, a partir de suas interpretações, nos instigam a pensar sobre a formação de um espaço periférico vinculado ao avanço urbano da cidade em meio a uma tessitura social específica. Cabe destacar que a interlocução com “pessoas comuns” pode ser considerada como uma “esfera oculta” da pesquisa histórica, pois eles estão inseridos em “aspectos da vida da maioria das pessoas que raramente são bem representados nos arquivos históricos” (THOMPSON, 2002, p.17). Sendo assim, intenta-se valorizar as narrativas dos entrevistados e suas experiências como forma de atingir uma dada “realidade” e suas vivências na Vila Pedreira.

### **ESTEIO: UMA CONCISA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA**

A cidade de Esteio é conhecida por ser o espaço acolhedor onde se situa Parque de Exposições Assis Brasil<sup>5</sup>, cujo destaque se dá, anualmente, com a feira que expõe as novidades concernentes à agricultura e pecuária, apresentação de máquinas, artesanato local e de vários municípios do Sul, bem como a agricultura familiar que é um ponto forte da exposição anual. Integrante da microrregião de Porto Alegre, a cidade localiza-se a 16 km da capital do Rio Grande do Sul. Sua história está vinculada à história de São Leopoldo, sendo que em 1946, Esteio torna-se Vila e, em 1948, distrito.

*Figura 1 Localização da cidade de Esteio no mapa do Rio Grande do Sul.*

---

<sup>2</sup> PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, vol.1, n.2, 1996. p. 8.

<sup>3</sup> NEVES, Margarida de Souza. Nos compassos do tempo. A História e a cultura da memória. In: SOHIET, Rachel; ALMEIDA, Maria Regina C; AZEVEDO, Cecília; GONTIJO, Rebeca. (orgs.). *Mitos, projetos e práticas políticas*. Memória e Historiografia. Ed: Civilização Brasileira, 2009. p. 26.

<sup>4</sup> Ao apresentar trechos das narrativas orais optamos por deixar a redação conforme gravação realizada com exceção de pequenos ajustes na pontuação. As entrevistas estão acompanhadas de carta de cessão devidamente assinadas pelos interlocutores.

<sup>5</sup> O Parque Assis Brasil foi inaugurado em 29 de agosto de 1970 durante a 33ª Exposição de animais. O parque transformou-se em um local de festa de trabalho, para ruralistas.

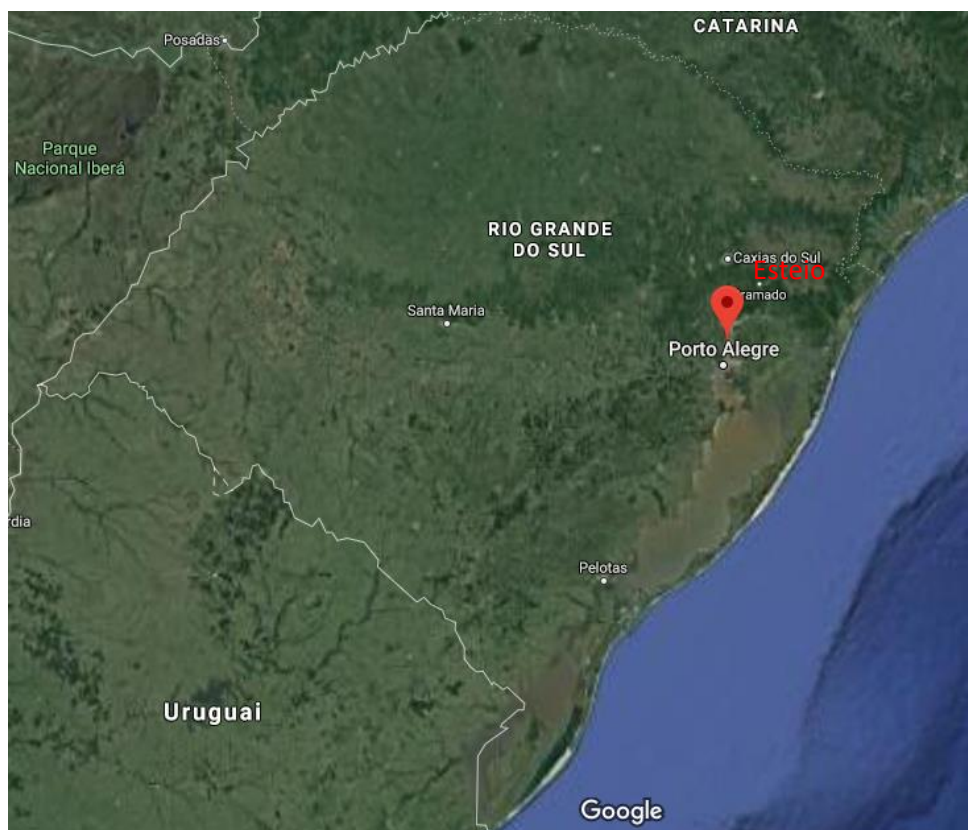


Figura 1 Localização da cidade de Esteio no mapa do Rio Grande do Sul. Fonte: Google Maps

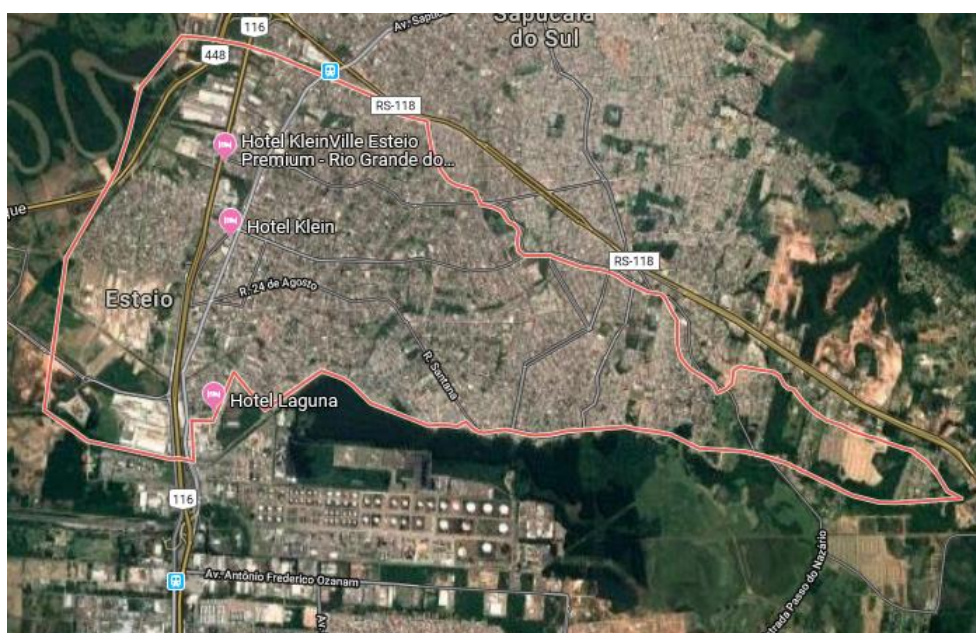


Figura 2 . Limites do município de Esteio, Rio Grande do Sul. Quadrado vermelho indica a localização do Parque de Eventos Assis Brasil, onde ocorre a Expointer. Fonte: Google Maps

As transformações ocorridas em Esteio aconteceram, principalmente, a partir da chegada da primeira indústria, a *Sociedade Industrial Três Portos*, fundada em 1934, sob a responsabilidade do engenheiro Ildo Meneghetti. A indústria produzia 1,5 mil toneladas de papel e foi considerada uma das fábricas modelo do Estado sul-

riograndense (LUZ, 2005). Não restam dúvidas que a chegada da indústria foi de suma importância, sem embargo, conforme aponta Miguel Luz (2005), antes mesmo da instalação da mesma, a expansão ferroviária, que iniciou ainda no século XIX, contribuiu para que a localidade começasse a se transformar. Conforme o autor,

o primeiro e grande passo para o crescimento da cidade foi a abertura da Estação Ferroviária de Esteio, referindo-se à construção de uma estação de cruzamento no quilômetro 368/395, entre as estações de Canoas e Sapucaia, a estação primitiva, chamada, então, de Parada 20, começando tudo quase meio século depois da chegada do trem em Porto Alegre, quando os colonos alemães passaram a transportar sua produção para a capital de trem (LUZ, 2005, p. 41).

No dia 26 de novembro de 1871, é iniciada a construção da estrada de ferro São Leopoldo-Porto Alegre. A inauguração dos 33,7 quilômetros que ligavam as duas cidades aconteceu no dia 14 de abril de 1874, com a formação de pequenos núcleos residenciais ao longo da via férrea. Em 10 de janeiro de 1867, foi sancionada a lei nº 599, que manda contratar a construção de uma estrada férrea de Porto Alegre a São Leopoldo. Após a lei nº 685, de 27 de agosto de 1869, é aprovado o contrato feito com John Mac Genity, para a construção de uma estrada de ferro entre a cidade de São Leopoldo, na proximidade de Hamburg-Berg, e Porto Alegre.

O caminho férreo possibilitou o escoamento dos alimentos, motivado pelo baixo custo e conduzindo os gêneros com mais rapidez, fazendo com que os produtos chegassem em condições de consumo até o comprador. Dois anos depois, em 1º de fevereiro de 1876, foram acrescidos 9,6 quilômetros de linha até Novo Hamburgo. A estação de Esteio foi construída anos depois, em 1905, e passou a integrar oficialmente a rede somente em 1º de fevereiro de 1928 com a construção da nova *Casa de Parada*, a Estação Esteio<sup>6</sup>.

A partir da abertura da estação férrea, como naturalmente ocorria nos processos urbanização, o crescimento da cidade acelerava-se. Abriam-se as primeiras ruas, os primeiros terrenos começavam a ser cercados e delimitavam os espaços. Outra novidade para a região era o aparecimento dos armazéns que começavam a se destacar como comércio relevante na localidade, já que vendiam alimentos, roupas, artigos variados necessários para o dia a dia.

As primeiras famílias que chegaram em Esteio eram trabalhadores da estrada de ferro, como observa Miguel Luz (2005), aumentando e fortalecendo a mão-de-obra para

---

<sup>6</sup> Em 10 de janeiro de 1867, foi sancionada a lei nº599, que mandava contratar a construção da estrada de ferro de Porto alegre a São Leopoldo. Em 1871 inicia a construção da estrada. A Estação de Esteio foi construída em 1905.

a construção dos trilhos. A linha férrea atraía sujeitos às terras adjacentes aos trilhos. Com a construção da *Casa de Parada*, e com os armazéns, a localidade começa a tornar-se um espaço atrativo para muitas pessoas, um sítio em que poderiam materializar sonhos e anseios.

Nos anos 30 do século XX, as transformações urbanas que atingiam o Estado Rio Grande do Sul, alcançam, também, Esteio, o que acarretou em alterações e modificações em seu espaço. Tratava-se da construção da Rodovia Estadual que ligaria Porto Alegre a São Leopoldo. A rodovia e sua obra oportunizaram, a partir da demanda de trabalho, a chegada de diferentes trabalhadores, ademais de empreendimentos locais. Dessa forma, a urbanização foi em seu ritmo próprio, tentando dar conta do crescimento demográfico e econômico. A cidade foi guardando marcas do tempo e processos sociais no espaço urbano construído, materializando a história como uma espécie de escrita no espaço.

As informações sobre a localidade chamaram a atenção dos visitantes, pois emoldurava perspectivas positivas acerca do distrito e seu futuro, em se tornar, um dia, uma grande cidade. Em 1933, as obras de construção da rodovia estadual entre Porto Alegre e São Leopoldo renovaram o impulso de crescimento e aceleraram a urbanização de Esteio. Por conta de todo o desenvolvimento e desejo dos moradores, no dia 1º de junho do mesmo ano, o Prefeito Mario Sperb, pelo decreto nº 122, fixa os limites da nova Vila e, logo em 1950, pela lei nº 174, Esteio passa a ser o 11º distrito de São Leopoldo. Dessa forma, em 1955, Esteio com seus avanços urbanos vinculado ao crescimento populacional, bem como a partir da industrialização, que ali se desenvolvia, consegue emancipar-se de São Leopoldo.

### **A BORDA DA CIDADE: DA EXPLOSÃO À ORGANIZAÇÃO**

Os primeiros moradores da Vila Pedreira instalaram-se há mais de 50 anos no local às margens da BR-116, um espaço aberto que trazia o conforto da ideia urbanizadora. Na década de 1980, a Associação de Moradores local adquiriu a área e, desde então, reivindica a regularização fundiária. Segundo informações da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e Gestão de Esteio, o local, onde hoje existe a Vila Pedreira, foi ocupado antes da emancipação da cidade.

Começou como Vila Quadros, pois era um quadrado (uma extensão de terras) do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), quando o órgão encerrou o trabalho, permaneceram algumas casas e, aos poucos, foram chegando

mais moradores. As terras eram de propriedade de Oswaldo Kroeff, que permitia a exploração de pedras pelo executivo leopoldense. As pedras extraídas por trabalhadores destinavam-se ao calçamento das ruas de São Leopoldo e de seus distritos. A importância do local, enquanto exploração econômica, ficou registrada na história e na memória, posto que originou o nome de um espaço periférico da cidade de Esteio. Nessa ordem, a partir dos sujeitos que trabalharam na construção inicial da BR-116, bem como daqueles que atuaram em frentes de trabalho oferecidas com a extração de pedras destinadas à pavimentação de ruas e de avenidas de localidades no entorno de Esteio, formou-se gradativamente a Vila Pedreira.

Na memória dos antigos moradores o estrondo das explosões e o receio que as casas fossem atingidas pelos blocos e pedaços de pedra estão presentes, posto que as explosões, causadas por dinamite, interrompiam o fluxo de carros na BR-116, duas vezes ao dia, assustavam os moradores e geravam prejuízos, pois quebravam os vidros e as telhas das casas. Além disso, os fortes ruídos das explosões amedrontavam os moradores.

Em entrevista, Maria Conceição, 68 anos, lavadeira e moradora da Vila Pedreira, ressalta o processo violento da exploração das pedras da região e evidencia a vulnerabilidade daqueles que habitavam o espaço.

Ah! Eles detonavam, né? Eles detonavam a pedra! A gente tinha que sair de casa. Sim. Por causa das pedras, menina.... Elas batem no forro, se tem forro arreventa tudo. Ainda às vezes estraga o que é da gente e mata a gente dentro de casa. Cada pedra enorme. Eles detonavam com dinamite, meu vóio trabalhava nisso aí, eles detonavam aquilo voava pedra pra tudo quanto era lado. Os carros, tudo tinham que parar. Eles iam com bandeira vermelha, iam com bandeira vermelha, avisavam nas casas, né? Que era pra sair que iam detonar, já avisavam antes. Aí a gente saía pra lá pra cima (CONCEIÇÃO,1999).

Mesmo com o sinal dos trabalhadores, os quais passavam pelas casas com uma bandeira vermelha nas mãos, a atividade de exploração da pedreira oferecia o perigo, deixando os moradores vulneráveis a acidentes e à morte.

Esteio, a exemplo de outras localidades brasileiras, atraiu indivíduos de outras regiões e cidades do Rio Grande do Sul, principalmente trabalhadores motivados em um primeiro momento pela construção da estrada de ferro e pelas possibilidades de uma localidade que estava despontando. A industrialização que, gradativamente, se instalou na localidade e as possibilidades vinculadas à construção da estrada que ligava a região à capital incentivavam e despertavam o interesse dos trabalhadores sendo que, muitos desses, sem condições financeiras de manterem suas famílias,

assim, foram construindo suas moradias às margens da cidade. Entre esse atores sociais que sofreram o processo histórico da urbanização, está Maria da Conceição, nossa interlocutora.

Em 1957, mesmo com a cidade emancipada a exploração da pedreira persistia, no entanto, com uma pequena modificação: o uso da dinamite e com as explosões ocorrendo somente uma vez ao dia. A redução da quantidade de vezes das explosões era defendida por autoridades locais como forma de diminuir desconfortos e os riscos de vida dos moradores locais.

A atividade de exploração das pedras persistia e, concomitantemente, a vila ampliava-se, já que mais pessoas procuravam o espaço para habitar. Logo, os problemas ficavam evidenciados no cotidiano, pois o crescimento desordenado fez com que os primeiros moradores da Pedreira convivessem com a ausência de infraestrutura urbana e regularização fundiária. As pequenas vielas circundavam os casebres, desprovidos de rede de água e de esgoto, bem como de rede elétrica iluminação, criando um labirinto que denunciava as emergências daquela comunidade surgente.

Em sua entrevista, a diarista Maria do Barranco, moradora da Vila Pedreira há 30 anos, relata como era a vila e traz à tona suas lembranças, remetendo-nos a um tempo pretérito e relacionando personagens.

É não vou dizer que era praticamente mato, mas não tinha asfalto, não tinha esse viaduto. Isso aqui era praticamente tudo areião como que chamavam as ruazinhas, tu vê tudo é asfaltadinho, com aqueles tijolinhos. Aí eu morei ali embaixo, a primeira casinha minha foi ali embaixo né, que ali eu fiz quando tinha aquela Serra Almeida”

As lembranças da interlocutora relacionam os cenários diferenciados pela ausência e a atual da pavimentação das estradas, o asfalto, como marca relevante, e valorizada pela comunidade. A memória permite a constituição de uma narrativa sobre experiências e vivências. Maria do Barranco testemunha a instalação da rede de energia elétrica e de água, bem como a construção de uma escola e de um posto de saúde. A partir da demanda da Associação de Moradores da Vila Pedreira, fundada em 1958, em 2015 iniciou-se o processo regularização dos terrenos e das casas através da ação da Prefeitura.

À revelia dos perigos oferecidos pela prática exploratória e da vulnerabilidade dos moradores, a cidade de Esteio continuou com a exploração de pedras até o final



do contrato com a prefeitura do Município de São Leopoldo em 1957. No local, começaram a surgir os primeiros casebres, inicialmente erguidos por ex-funcionários da pedreira, depois por seus parentes, até que se formou um aglomerado de grandes proporções, dando àquele espaço um mosaico urbano permeado de urgências sociais.

A entrevistada Terezinha Garcia, lavadeira e moradora da Vila Pedreira, menciona em sua fala sobre a separação da cidade em dois lados por conta dos trilhos do trem. Os trilhos sempre foram um divisor da população – os que ficavam do lado de cá e os que ficavam do lado de lá –, desde 1905, com a construção da estação Esteio, e, depois, em 1985, com a vinda do Trensurb. Terezinha lembra que

O Seu Nilton tinha uma sapataria pro lado de cá, então ele fez uma taipa assim com duas tábuas e a gente passava por cima, se a gente, eu que naquele tempo eu sempre andava de sapato de salto, agora eu não uso sapato de salto [...]. O Seu Nilton passou pro outro lado, agora ele tá lá. (GARCIA, 1999)

Cabe ressaltar que Esteio e sua formação possuem uma estreita relação com a ferrovia, começando pelo nome da cidade, que deriva do equipamento ferroviário que serve de apoio aos trilhos. Esta ligação histórica com a estrada de ferro está vinculada ao histórico do povoado que viria a originar a cidade, o qual nasceu e cresceu com a construção da Ferrovia Porto Alegre-Novo Hamburgo. Sempre presente no imaginário popular, a ferrovia alimentou sonhos e decepções de cada sujeito que construiu a funcionalidade urbana da região e, a partir dos anos 80, foi a vez do Trensurb, que ligou com rapidez as cidades da região metropolitana, dando continuidade à tradição de desenvolvimento da cidade de Esteio ligada aos “trilhos”.

Com a intervenção da estrutura férrea, que foi alheia à vontade da população periférica, iniciou-se uma ruptura da Vila Pedreira com o restante da cidade, dificultando o acesso da população ao núcleo central, provocando o distanciamento dos sujeitos e, assim, a ausência de liberdade. Instaurou-se, então, o momento da invenção, da ousadia, do atrevimento e da transgressão, pois queriam conviver com o lado oposto ao deles e atravessar a passarela.

Pesavento (2004) discute sobre esta fronteira, que se mostra bastante tênue em que os “indivíduos” atravessam para o lado dos “cidadãos” tentando diminuir a diferença criada, mas, mesmo assim, não são reconhecidos. A autora destaca os espaços e seu reconhecimento. “Populares reconhecem, *a priori* que são os cidadãos, mas seus conceitos do que seja a ordem são diferentes. Para os cidadãos, o mundo dos excluídos é pura desordem, não veem aí uma lógica de comportamento e valores”

(PESAVENTO, 2004, p. 28). Nesse sentido, é na rua que tudo acontece e que nos defrontamos com as diferenças e, também, a linguagem que nomeia o “outro”. É nas ruas que todas as práticas são expostas, aquelas convenientes, consagradas pela moral. Sendo assim, é na rua que o comportamento desviante se mostra ao olhar de todos.

A separação, o distanciamento e a dificuldade em conviver ficaram cada vez mais difíceis, pois sempre existiu o olhar curioso e preconceituoso em relação ao outro, como afirma Marlene Boaventura, dona de casa e moradora da Vila Pedreira: “Eles não se acertam com as pessoas do Novo Esteio, do centro. Então eu não sei, a vila ficou isolada, não a vila, o pessoal quer se isolar, eles vão e fazem coisas erradas.” (BOAVENTURA, 2014).

Os elementos do cotidiano que Marlene traz em sua fala são carregados de representações simbólicas, pois o dia a dia da comunidade traz à tona a composição do espaço, seus costumes, sua forma de ver o outro e de ver a cidade, surgem as diferenças dos moradores do lado de cá e os do lado de lá, criando indivíduos estereotipados – marcados pela condição financeira.

Surge a questão do imaginário social, pois os habitantes da cidade de Esteio, ao ouvirem falar sobre a Vila Pedreira, ou se verem frente a frente com um morador dessa comunidade, apresentam um olhar carregado de estigmas ou já carregados de atributos depreciativos e de julgamentos consensuais por uma coletividade ou parte dela que defende e valoriza normas e padrões normatizantes em detrimento de relações dialógicas (GOFFMANN, 1980).

Pesavento (2004) traz elementos que contribuem para este entendimento quando menciona que, no imaginário social, tais indivíduos que habitam os becos e espaços populares são definidos como vadios desocupados e de maus instintos e seus costumes e formas de levar a vida se chocam com os demais “cidadãos” da cidade.

Outro ponto significativo nessa relação, é a dificuldade de enxergar os moradores da Vila, sem estigmatizá-los pela etnia, condição econômica ou mesmo pelo apelido que ganhou durante a sua trajetória de vida e sem ser visto como desordeiro e contraventor. De acordo com Barros (2012), “uma cidade fala eloquentemente dos critérios de segregação presentes em sua sociedade através de múltiplos compartimentos em que se divide dos seus acessos e interditos, da materialização do preconceito e da hierarquia social em espaço.” (BARROS, 2012, p.40). Desta forma, percebemos o não-reconhecimento da humanidade, ou melhor, a

desumanização daquele que passa pelo processo de exclusão. E justamente por não ser notado pelos demais, como ser humano semelhante, torna-se ameaçado de eliminação.

As entrevistas mostram a composição de um território que se conceitua sendo o espaço apropriado pelo habitante e que traz a vida cotidiana destes personagens, mostrando que o cotidiano está no centro da história, porque é a partir dos relatos de vida que a história se constrói. É no ordinário do dia a dia, portanto, que emerge a cultura, lugar onde tudo pode ser reconhecido, como desejável ou não, para as realizações da vida de cada morador. Ademais, é importante conhecer o território a partir do olhar daquele que habita, pois é ele que dá sentido ao espaço onde vive. Neste momento, o território nos é colocado como conteúdo, meio e processo (SAQUET, 2007) das relações sociais (alteridade) e das relações de exterioridade (homem-natureza), tela em que se desenvolve o tempo histórico e o tempo das simultaneidades.

Desse modo, Marlene Boaventura discorre sobre o que ela enxerga da localização de sua casa, marcando o Barranco, que é um pequeno beco, como seu território, na entrada da Vila pela BR-116, até os trilhos do trem. Lembra-se do “Fúria”, menino que atravessa correndo os trilhos querendo ser mais rápido que o vagão e mostrando sua coragem. É apenas mais uma personagem que é lembrada pelas façanhas e falta de zelo, típicas da infância e que fazem parte da composição da Vila. A interlocução com atores sociais que acompanharam (e acompanham) o processo histórico de construção da vila é fundamental, pois ao conversar com antigos moradores, é possível através de suas narrativas reconstruir mentalmente a composição da vila em diferentes momentos.

Nesse sentido, Peter Burke (2004) enfatiza o valor da intensificação desta relação e a possibilidade de construção de uma imagem, que traz somente benefícios ao pesquisador e à pesquisa, pois as testemunhas desse lugar são os moradores que vivem todos os dias esta rotina de comunidade e sabem falar com sentimento deste espaço. Constatamos que a teia da história da Vila Pedreira vai se formando através de imagens da literatura oral, cada fio conduz a uma parte da comunidade com variadas personagens e cenas. Nessa composição, o aparecimento do Trensurb, por mais que tenha beneficiado Esteio, cortou e separou a Vila Pedreira do resto da cidade, transformando esta comunidade em um espaço marginal, por estar às margens, e fissurado por ter sido rasgado pelos trilhos.

O Trensurb também acarretou na construção do viaduto sobre os trilhos da Viação Férrea que ligava a estrada, BR2, de Porto Alegre a São Leopoldo. Foi construído em 1940 e demolido em 1984 com a passagem do trem metropolitano. A linha do Trensurb começou a ser idealizada a partir de 1976, através de estudos desenvolvidos pelo Grupo Executivo de Integração da Política de Transportes da Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes (GEIPOT), que justificou o projeto pela redução do fluxo de veículos na BR-116 já saturada à época, bem como pela oferta de uma alternativa de transporte de custo mais baixo e eficiente no tocante à segurança, ao conforto e à rapidez. No plano, objetivava-se atingir 300 mil passageiros por dia. (LUZ, 2005).

Entre os anos de 1980 e 1985, realizaram-se as obras de implantação do sistema ferroviário, então modernizado. Em 1984, desembarcaram em Porto Alegre as 25 unidades de trens elétricos, adquiridos junto à fabricante japonesa, sendo que em março de 1985, foi inaugurado o primeiro trecho com 27 quilômetros de extensão e 15 estações, as quais conectavam Porto Alegre a Sapucaia do Sul, passando pelos municípios de Canoas e Esteio (LUZ, 2005). Com o novo transporte, a cidade de Esteio fica ainda mais dividida, posto que o trem cortava a cidade e com suas muretas de proteção não permitia o acesso de um lado para o outro da cidade.

Nas palavras de Barros (2012, p. 96), “os limites ou bordas referem-se às rupturas dos bairros ou às fronteiras dos bairros-limite com seu entorno, correspondendo a referências laterais entre territórios que são mediados por barreiras ou por costuras.” Assim, a Vila Pedreira, com suas construções desordenadas, ficou na borda da cidade entre a BR-116 e o Trensurb.

São muitas as personagens que se tornaram porta-vozes da história de vida. Nossos interlocutores ilustram e trazem à tona o que permaneceu gravado na memória. Ênio Florêncio da Silva destaca que os moradores se acostumaram com o barulho do trem e afirma: “Como todos que moram lá estão há muitos anos, o barulho não incomoda mais”. Na verdade, o que mais preocupa é a falta de infraestrutura e passarela para os idosos e cadeirantes.

Também Maria do Barranco, na sua contribuição referente à chegada do trem, disse que ela chegou em 1985, quando havia dado à luz uma de suas filhas e relata sobre o lugar onde morava, fazendo com que o cenário fique visível:

Eu morava no Novo Esteio quando era Maria Fumaça. Depois logo vim pra cá e construí a primeira casinha ali embaixo, aí vim mora ali debaixo e

passei pra cá e morei na beira do muro, acho que era a Maria Fumaça, sim, ou o cargueiro. Eu morava bem na beira do muro. Eu me lembro quando a minha nenê nasceu, a minha menina, ela se acostumou com o barulho do trem. Ela dormia só com o barulho do trem (MARIA, 2014, informação verbal).

A interlocução traz à tona alguns elementos do espaço e das “adaptações” de seus moradores para lidar com o cotidiano existente na Vila Pedreira. Marlene Boaventura, por exemplo, fala da sua chegada à Vila, das alegrias e de momentos difíceis:

Quando cheguei, tinha 18 anos, não tinha água, lavava a roupa lá na lagoa<sup>16</sup>. A luz era um caos, não tinha calçamento, então eu acho que melhorou muito. Apesar de que eu já passei maus pedaços. Já chorei muito, já tive vontade de sumir de Esteio, pior que eu adoro Esteio (BOAVENTURA, 2014, informação verbal).

A interlocutora apresenta as dificuldades que enfrentou ao se tornar moradora da Vila Pedreira, a ausência de serviços básicos como a luz, a falta de água tratada e encanada. Ao mesmo tempo expressa seu amor pela cidade de Esteio que pode ser entendimento em meio às “dialéticas da vida” (Bachelard, 1998, p. 24). A fala nos instiga a refletir sobre a casa como o “canto do mundo” e relacioná-la com o espaço da Vila Pedreira, bem como os relatos dos moradores, é pensar em um lugar que, embora simples e humilde, de ruas sem saída, é rica em histórias e lembranças que compõem todo este cenário. Dona Ilíria, costureira e moradora da Vila Pedreira há 42 anos, menciona na sua fala elementos, os quais nos possibilitam algumas reflexões acerca do cenário da vila e a mesma como um espaço acolhedor de vários “cantos”, cuja relação é norteadas por princípios, valores e virtudes. A depoente menciona sua trajetória e a casa na Vila. Diz ela:

Aqui faz quarenta e dois anos. Eu vim de Santa Catarina, eu sou de Araranguá natural, mas quando eu me casei eu estava em Criciúma, e de Criciúma eu vim pra cá, eu já tinha dois filhos, já quando vim pra cá. Vim procurando melhoras né, de serviço essa coisa toda. [...] Trabalhei bastante, mas eu me sinto muito feliz, eu e meu marido fomos pobres mesmo, gente pobre, criamos nossos filhos. Sempre digo: Vocês não me envergonhem a minha casa e a memória do teu pai, nós demos um bom testemunho pra vocês, se criaram pobre, mas lutando com dignidade (BASTOS, 2015).

Em sua enunciação, fica evidenciado o orgulho de morar na Vila Pedreira e os valores morais que regeram a vida de sua família. Ilíria afirma que não tinha o menor problema de passar o seu endereço, pois não se envergonhava do bairro nem das pessoas com quem convivia. Para Bachelard (1998), é reconfortante reviver as

lembranças de proteção, as lembranças de casa, pois estas apresentam uma tonalidade acentuada, evocando os sonhos, a emoção. Portanto, quando o habitante relata sobre sua moradia e o que viveu neste espaço, está trazendo que a casa é uma das maiores “forças de integração”. (BACHELARD, 1998, p.26).

Entre uma fala e outra, os interlocutores possibilitam uma aproximação da constituição histórica da Vila Pedreira e concomitante uma tessitura social repleta de vivências e experiências. As palavras mostram, que apesar do histórico de dificuldades e marginalização em relação ao cenário maior, a urbanização e o processo de desenvolvimento da cidade de Esteio, a vila situada nas bordas da cidade, se desenvolve e tem uma relação de afetividade e de conquistas relacionadas aos seus moradores, especialmente àqueles que acompanharam a formação da Pedreira desde o seu processo inicial.

Neste sentido, trazer a memória e a história deste lugar é presentificar os acontecimentos e as imagens, conforme Pesavento (2008, p. 189).

Pensar na memória e em história induz a referir-se ao sujeito que evoca e ao sujeito que escreve este agente do ato de presentificar uma ausência. Entram em cena os indivíduos, as subjetividades, as trajetórias pessoais, as histórias de vida. Este é, para todos os efeitos, um viés muito importante, resgatado pelos estudos da cultura. A memória tem seu locus original de realização no indivíduo que rememora, mas todo o trabalho de evocação se dá em acerto com uma memória social.

A autora enfatiza que a memória pressupõe registros e reúne as experiências, os saberes, as sensações, as emoções, os sentimentos que, por um motivo ou outro, elegemos guardar. Ao compartilhar, cada pessoa encontra no outro, de forma geral, apoio, companhia, segurança e outros tipos de ajuda. Cada um de nós faz o mesmo em maior ou menor grau e, assim, vamos edificando relações, vínculos e, por consequência, as nossas redes pessoais. As falas e lembranças dos interlocutores possibilitam pensar acerca de uma formação da periferia, a Vila Pedreira dentro de uma expansão do urbano é rica em representações, em imaginários, mas também representa um conjunto de símbolos e campo de lutas, sendo que a cultura da Vila Pedreira, que surge se entrelaçando na comunidade e fazendo brotar um local de muitas vivências, marca os diversos personagens que compõem este mosaico.

Cabe ressaltar que o espaço da Vila, após o seu nascimento, foi crescendo e

atualmente abriga duas mil pessoas e 303 casas<sup>7</sup> em um espaço de vielas estreitas, becos e ruas sem saída. Em seu interior, há mercados, igrejas, escola e um posto de saúde. Lembrando que, para ingressarmos na comunidade, encontramos a entrada pela BR-116 onde é possível ver o trânsito de carros e a passarela que se localiza no centro da cidade de Esteio. A entrada pela BR-116 possibilita que os moradores possam receber na porta de casa as compras realizadas em mercados e lojas do centro, bem como acolher as visitas que chegam de trem ou em carros próprios.

A passarela, por sua vez, constitui a ligação entre o centro da cidade e a periferia. Apresenta-se como um elo entre os dois pontos, estruturando-se como um projeto urbano para qualificar a passagem dos pedestres e sua proximidade com o centro da cidade de Esteio. Apesar de reformada e possibilitar aos moradores da Vila Pedreira o acesso ao centro da cidade com maior agilidade e segurança, a passarela também se transformou em uma barreira entre os indivíduos da Vila e os proprietários de lojas e os demais moradores. Já que a mesma se estabelece como um limitador entre “o lado de cá” e o “lado de lá” da passarela, ou seja, uma separação entre o periférico (e estigmatizado) e o centro da cidade. Os indivíduos se veem divididos e limitados e, quando atravessam a passarela e se movimentam para o centro da cidade, parecem transgredir e ultrapassar o limite imposto a eles.

A transgressão define-se aqui pela ultrapassagem do espaço e das barreiras estabelecidas por uma organização urbana, não só do setor público, mas de um comportamento da população, pois a passarela se apresenta como uma fronteira, mas uma fronteira, onde os moradores atravessam e retornam ao seu meio, ao “ninho” como diz a moradora Marlene Boaventura em sua entrevista. É este lugar, a Vila Pedreira, que eles reconhecem como sendo seu. Transgredir não é apenas ultrapassar um limite, mas reconhecê-lo como tal. O fato dos moradores da Pedreira “violarem” uma barreira mostra a sua presença e existência, evidenciando aos demais que eles estão presentes em Esteio.

Para Pesavento (2002), além dos consensos existem as assimetrias. Eis a necessidade de olhar atentamente para registrar, através de variados meios, os diversos olhares, as diversas representações que surgem dos habitantes da cidade. As narrativas da cidade se tornam a representação do real por meio das conversas e imagens que trazem imaginários sociais construídos sobre a cidade ao longo da

---

<sup>7</sup> Dados da Secretaria Municipal de Habitação de Esteio (2015)

história. Ela destaca que “o espaço urbano, na sua materialidade imagética, torna-se assim, um dos suportes da memória social da cidade” (PESAVENTO, 2002, p. 16).

No centro desta concepção, e relacionando com a Vila Pedreira, vemos o imaginário social que significa um real construído de maneira deformada, representando o outro lado do real. Os indivíduos que moram do lado de cá, centro da cidade, constroem este imaginário, criam estereótipos, analisam sob suas perspectivas e perpetuam o preconceito, reconhecendo a passarela também como ponto de limite e fronteira para o seu imaginário.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo, buscamos trazer a história do nascimento da cidade de Esteio desde sua origem, quando distrito da cidade de São Leopoldo, até a sua emancipação em 1955. A pesquisa para a elaboração deste texto foi desafiadora, já que foi preciso ir ao encontro de antigos moradores, estabelecendo um processo de escuta, e de espaços que reservavam, ainda, documentos/informações sobre a Vila, sua história e a origem daqueles que a habitam.

Tentamos trazer fatos importantes sobre a trajetória da cidade para que pudesse elucidar a materialidade histórica que foi surgindo de acordo com que as entrevistas eram realizadas. Vários signos do imaginário do espaço vieram à tona ao largo da ordem enunciativa, um exemplo é a construção da estrada de ferro que marcou o progresso, aumentando a necessidade da mão de obra e trazendo colonos de vários lugares que vinham à procura de trabalho e de uma terra para criar seus filhos, mas que não deixou de macular a vida das pessoas que acompanharam o processo construtivo.

Ao longo da investigação, é importante que registremos, muitas foram as descobertas que nos motivaram a continuar, como, por exemplo, as informações que obtivemos sobre o viver na Vila Pedreira, os movimentos semânticos da comunidade que resultaram no conjunto das imagens que estruturam a vida atual naquele espaço. Sua proto-urbanização mostra a costura do imaginário e a gestação de uma referência identitária que traz aspectos ainda permanentes na cidade de Esteio.

Esse eixo perspectivo, que leva em consideração a relação diacrônica do sujeito com o urbano, fez-nos olhar para este espaço com mais atenção, já que percebemos a organização fundacional desses espaços de convivência e de agremiação como resultantes, justamente, da necessidade de organização produtiva das manifestações da cultura. O que fica claro é que as relações sociais se deram muito antes da cidade deixar



de ser distrito. Os moradores sentiam a necessidade de participarem de grupos sociais, mesmo porque, seria impossível estruturar este espaço sem o coletivo.

Os aspectos sociais também foram abordados, como a condição de vida dos habitantes, em especial os da Vila Pedreira, o que pudemos evidenciar com dados específicos sobre economia, escolaridade, moradia e as manifestações da cultura. Isso pôde ser comprovado na análise dos índices, que foram repassados pela Secretaria de Segurança de Esteio, além das entrevistas com representantes da comunidade da Vila Pedreira, uma comunidade periférica que se formou a partir de uma pedreira de onde se explorava a matéria prima que era vendida para os municípios vizinhos: a pedra.

A mesma pedra que calçava as ruas de Novo Hamburgo, São Leopoldo e outras cidades, que erguia estruturas sólidas em outros espaços, dava origem ao caos na borda da cidade. Enquanto ia sendo objeto do mosaico formador da urbanidade dos vizinhos, dando segurança aos sujeitos na confecção de muros e outras benfeitorias, oferecia o iminente risco de morte para os moradores que abandonavam suas casas duas vezes ao dia para que não fossem atingidos e tivessem suas casas e suas vidas dilaceradas pelos pedregulhos que rasgavam os ares a cada explosão.

Essa comunidade que, aos poucos, foi ficando populosa e, após a chegada do *Trensurb*, foi rasgada não só em sua paisagem, mas, também, nas vidas de *lá* e de *cá* dos trilhos, ficou totalmente excluída do resto da funcionalidade estruturante do urbano. Ao mesmo tempo em que a Vila é considerada periferia, uma passarela a separa do centro movimentado de Esteio.

Nas entrevistas que realizamos com os moradores observamos o orgulho que sentem de morar na Pedreira e a felicidade de terem apostado neste espaço, que há anos não apresentava as mínimas condições para se viver, porém teve sua terra fecundada pela vontade e pelas incertezas dos que pisaram lá pela primeira vez, levados pela contingência histórica e por motivos pessoais. O preconceito, sim ainda existe em relação àqueles que habitam a Vila. É um estigma em espiral permanente.

O olhar desconfiado que a cidade lança sobre o espaço da Vila existe, mas a comunidade consegue com sua organização e funcionamento, produzir efeitos de sentido que favorecem a respiração de seu imaginário.

Enfim, este estudo trouxe à luz vozes que não têm espaço no cotidiano corriqueiro do urbano, suas lembranças, suas dores e seus sonhos e, também, a capacidade que têm de circular em ambientes hostis e conseguirem, mesmo assim, sedimentarem-se como habitantes de um espaço que leva em si a essência da resistência.

Um espaço que traz no silêncio das pedras, desejos enormes, muitas vezes, amputados pelo preconceito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Camila S. SOBRE O “FAZER PERIFERIA”: EXPERIÊNCIAS, NARRATIVAS E REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO ETNOGRÁFICO. Revista Grifos, n.41,2016, p.325 -362.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARROS, José D’ Assunção. Cidade e História. Rio Janeiro. Petrópolis: Vozes, 2012.

BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.

DE CERTEAU, Michel. A invenção do Cotidiano. Ed: Vozes, Petrópolis, 1994.

ESCOSTEGUY, Cléa Coitinho. A Vila Pedreira e o Centro de Educação Trindade: espaços de elaboração Cultural. 2016. 122 f. Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) - Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2016 Disponível em: <<http://biblioteca.feevale.br/Dissertacao/DissertacaoCleaCEscosteguy.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2016.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

LEITE, Tiago P. Jovens na esquina. Dramas e sociabilidades entre jovens na periferia. Porto Alegre: Trajetos Editorial, 2015.

LUZ, Miguel. Ao longo dos trilhos do Trem – 2005- Esteio

MAGNANI, 2006 MAGNANI, José Guilherme Cantor. Trajetos e trajetórias: uma perspectiva da antropologia urbana. Sexta-feira, São Paulo, n. 8, p. 40-43, 2006.

NEVES, Margarida de Souza. Nos compassos do tempo. A História e a cultura da memória. In: SOHIET, Rachel; ALMEIDA, Maria Regina C; AZEVEDO, Cecília; GONTIJO, Rebeca. (orgs.). *Mitos, projetos e práticas políticas*. Memória e Historiografia. Ed: Civilização Brasileira, 2009. p. 26.

PESAVENTO, Sandra J. O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Revista Brasileira de História, vol. 27, núm. 53, janeiro-junho, 2007, p. 11-23 Associação Nacional de História São Paulo, Brasil.

\_\_\_\_\_. História, Memória e Centralidade Urbana. 2008 Revista Mosaico.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, vol.1, n.2, 1996. p. 8.

RAMINELLI, Ronald. História Urbana. In: CARDOSO, Ciro F. VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.p.185-202,1997.

ROLNIK, Raquel. O que é a cidade. São Paulo: CBL, 1988.

SAQUET, Marcos Aurélio. Abordagens e Concepções de Território. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

THOMPSON, P. *A Voz do Passado*. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

**-Todas as entrevistas estão disponíveis no arquivo público, localizado na Casa de Cultura de Esteio e foram realizadas pelos profissionais do NPHE- Núcleo de Pesquisa Histórica de Esteio.**

-Maria da Conceição entrevistada dia 25/10/1999 por Marcelo Taudelino de Almeida Pereira e Eliane Garcia da Rosa.

-Maria do Barranco, entrevistada dia 09/12/1999 por Eliane Rosa Garcia, Ricardo Baldazare.

-Maria Renita Rodrigues, entrevistada dia 29/12/1999 por Eliane Rosa Garcia e Luiz Gonzaga Lopes Júnior.

-Terezinha Garcia, entrevistada dia 22/12/199 por Eliane Rosa Garcia e Ricardo Baldazare.

-Marlene Boaventura Cândido, entrevistada dia 13/12/1999 por Luiz Gonzaga Lopes Júnior e Ricardo Baldazare.

-Dona Ilíria Antonia de Souza Basto, entrevistada dia 25/11/1999 por Elaine Rosa Garcia e Ricardo Baldazare.